

Resenha:
Avante, soldados: para trás

Emilio Davi Sampaio¹

Em *Avante, soldados: para trás* Deonísio da Silva narra a história de uma guerra, mas narra também a história de um homem, seus amores, seus amigos, inimigos, seus medos, enfim, sua morte. Carlos Morais Camisão, o protagonista, luta na guerra do Paraguai e participa de um episódio muito conhecido. Trata-se da *Retirada da Laguna*, menção à obra homônima de Visconde de Taunay. Silva reconta, entre vários episódios, a história do coronel Camisão, responsável pelo exército formado no Mato Grosso para lutar contra os paraguaios que haviam invadido as terras brasileiras.

O texto é uma releitura da obra de Taunay numa outra perspectiva, pois o romance se enquadra nos ideais da Nova História Cultural. Nesse processo de releitura e de recriação, possivelmente, recupera-se a voz de personagens que jamais figurariam na história oficial. Para isso, o autor situa a obra em dois planos: o histórico e o ficcional e a divide em duas partes, com seus respectivos capítulos. Narra-se, na primeira parte, acontecimentos históricos relacionados à marcha do exército comandado por Camisão em direção ao inimigo e a ocorrência de batalhas, permeadas por episódios totalmente ficcionais como acontece nos capítulos: *Xerazade suspende a guerra* e *O padre telefonista*. Na segunda parte privilegia-se a ficção, retratando recordações e a história de amor vivida entre Camisão e Mercedes. Pela voz de Camisão, Silva expõe sobre a crueldade da guerra e da cólera, que dizimou boa parte dos soldados brasileiros. Também escreve sobre a morte de Camisão e o conhecido episódio sobre a retirada da laguna, marcha de fuga do exército brasileiro.

O autor retrata os horrores da guerra com passagens bem sangrentas, como no episódio em que soldados brasileiros deceparam as cabeças dos próprios brasileiros mortos, as ensacam e as levam aos seus superiores para mostrar que, além daquelas cabeças, quem não estava ali, vivo e presente, como eles, era covarde e havia desertado no campo de batalha. Ou ainda, em outro episódio, quando da descrição de uma cena de tortura, em que os paraguaios colocam um padre dentro de um poço em meio a várias serpentes no intuito de que ele revelasse segredos sobre o exército brasileiro.

Da mesma forma que retrata os horrores, também constrói capítulos que escamoteiam a própria guerra. Fazendo pausa à imaginação, Deonísio da Silva traz para sua narrativa o humor e a ironia. Numa relação intertextual, no capítulo *Xerazade suspende a guerra*, percebe-se alusão aos contos árabes das *Mil e uma noites*. Mas, sarcasticamente, a linda Xerazade, que conta histórias ao rei Xariar para não morrer, é transformada na obra *Avante*,

¹ Professor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

soldados: para trás num velho muito engraçado de sessenta anos que fora encontrado pelos soldados num ranchinho no meio do mato. Com ele estavam seis moças, que resolveram deixar seus bordéis e acompanhá-lo para fugir do exército paraguaio que se aproximava. Elas tornaram-se as ouvintes de suas incríveis histórias, e as pagavam com os seus próprios corpos. O velho Silvestre, como era chamado, passou a acompanhar os soldados e, com o intuito de tirar-lhes um pouco do tédio, contava suas histórias engraçadas e intermináveis. Era só alguém dar-lhe um mote que ele rapidamente passava a narrar algo inusitado e instigante.

Além dessa personagem, recuperada do mundo árabe, o autor enreda outra também muito interessante. Esta, do mundo semita, parece exercer certo antagonismo em relação à Xerazade, mas nota-se que a intenção do autor é outra. Trata-se de um cozinheiro judeu de nome Jacó. Este cozinheiro contribui com a tropa através de seus conselhos, de seus conhecimentos sobre o Velho Testamento e, também, preparando o alimento a ser consumido por todos. A intencionalidade de Silva é clara. Ele busca dois personagens, respectivamente, de dois povos inimigos que se situam em terras distantes, coloca-os juntos num mesmo lugar, numa mesma guerra que não significa nada para ambos, e ainda lhes atribui funções relevantes no sentido de manter o exército brasileiro sempre animado, unido, forte e preparado para novas batalhas. Dessa forma, simbolicamente, pode-se dizer que Jacó oferece o pão e Silvestre o riso, condições e elementos mínimos necessários para que um ser humano possa manter-se vivo. Esta parte da narrativa é mais um exemplo de que em se tratando de literatura pode tudo, basta que este tudo seja feito, singularmente, de forma imaginativa.

O quadro de personagens é bastante variado. Há padres, mascates, soldados, mulheres galopeiras, entre outros. No cruzamento entre história e ficção fica evidente a construção de personagens puramente ficcionais, como é o caso, além dos dois já mencionados, o de Lindinalva e frei Mariano para quem ela trabalhava, o cabo Argemiro, fiel amigo de Camisão, o sargento Silva e a própria Mercedes, amante de Camisão. Personagens históricos também figuram: Camisão, Taunay, Major Urbietta, Guia Lopes.

A narração está em primeira pessoa. O autor utiliza o narrador-personagem para contar a história: “Sabemos pouco do que se passa no Paraguai, mas avançamos. (...) Vejo o visconde à sombra, escarrapachado” (p. 15). Mas esse narrador não participa efetivamente da guerra, não pega em armas, não luta, apenas quer observar e contar uma história. Para D’Onofrio (2007, p. 55) este narrador se configura como sendo um narrador-testemunha: “É a focalização centrada sobre uma personagem que está presente no texto só para narrar os acontecimentos, sem se confundir nem com o protagonista nem com nenhuma outra personagem da história”. Constata-se esta forma narrativa na seguinte passagem: “Disse-lhe que, sendo um escritor, lutava por justiça, não de forma abstrata, mas com minha pena. Uns haviam usado a espada, outros as armas de fogo. Eles, os dois lados, queriam matar. Quanto a mim, só queria narrar” (p.212).

Um detalhe interessante é que esse mesmo narrador, ao final da história, encontra Mercedes, a paraguaia galopeira, inimiga do exército brasileiro, mas amante de Camisão, e a traz para o Brasil como sua esposa: “Foi em meados de agosto que encontrei Mercedes. Admirou-se de eu não estar pilhando a cidade, brasileiro que era”. (...) “Trouxe Mercedes para o Brasil e fomos morar provisoriamente na Fazenda Conde do Pinhal, nos arredores de Santo Carlos, em 1870” (p. 212).

Enfim, a obra apresenta uma narrativa ficcional que se utiliza de elementos históricos, isto é, o enredo se aproveita dos fatos históricos e cria uma nova narrativa que não vai substituir o fato histórico, mas apenas apropriar-se dele para contar a história de outra maneira. À luz de Bakhtin (1990), a atividade estética vai se apropriar do fato histórico

para dar uma nova vida a este fato, mas esta nova vida propõe-se a ser uma particularidade recriada pelo autor. Portanto, esta é uma narrativa que representa um conjunto de outras pequenas narrativas recriadas pelo autor por meio da prosa literária.

Referências:

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de estética. A teoria do romance**. São Paulo: UNESP, 1990.

D'ONOFRIO, S. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, D. **Avante, soldados: para trás**. São Paulo: Siciliano, 2000.